

Handwritten signature

JORNAL 4 DE FEVEREIRO

*Os heróis do 4 de Fevereiro continuam vivos nos corações,
na determinação, na coragem e justeza da orientação política
dos militantes revolucionários de hoje.*



Handwritten initials

Nº 5

Preço 3\$50

VIVA A REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE! VIVA A FRELIMO!

Para o Povo de Moçambique e para a sua vanguarda revolucionária, a FRELIMO, o dia 25 de Junho de 1975 foi uma grande festa nacional, foi a consolidação da grande vitória alcançada na luta contra o colonialismo português.

Para todos os Povos do Mundo e para o Povo Angolano o dia 25 de Junho é mais um dia internacionalista de luta em que todos os Povos se sentem mais próximos da gloriosa luta que o Povo Moçambicano trava, encabeçado pela FRELIMO.

Uma Pátria radiosa conseguida após longos anos de luta armada e que continua a luta pela eliminação das estruturas de opressão e exploração coloniais e tradicionais e da mentalidade que lhes está subjacente, pela extensão e reforço do poder popular democrático, pela edificação de uma economia independente e pela promoção do progresso cultural e social, pela defesa e consolidação da independência e da unidade nacional, pelo estabelecimento e desenvolvimento de relações de amizade e cooperação com outros Povos e Estados, pelo prosseguimento da luta contra o colonialismo e imperialismo, esta Pátria é o orgulho de todos os Povos do Mundo.

Estes objectivos assim definidos vão permitir a constituição de uma Democracia Popular em Moçambique e enchem de orgulho o Povo Angolano que se encorajará a continuar a sua luta pelas liberdades democráticas o que lhe permitirá alcançar mais tarde a verdadeira Democracia Popular.

O Jornal 4 de Fevereiro saúda esta grande vitória do Povo Moçambicano.



editorial

Neste momento histórico os operários e camponeses do nosso País e os seus aliados, as camadas patrióticas do nosso Povo, travam um combate sem tréguas pela conquista das liberdades democráticas, meio necessário para atingir a Independência completa. Aumenta dia-a-dia o número de revolucionários que compreendem que a luta pela Democracia Popular tem de passar necessariamente, pela conquista das liberdades de reunião, associação, de livre expressão, o livre funcionamento dos sindicatos e o direito à greve. Nesta fase, compreender a necessidade de luta pelas liberdades democráticas é criar a possibilidade de unir em torno de um objectivo comum, a luta anti-imperialista, todas as camadas patrióticas do nosso Povo. Não aceitar, neste momento histórico que o País atravessa, a necessidade desta luta é retirar às classes operária e camponesa alguns dos seus aliados necessários, é enfraquecer as lutas populares, por meio da divisão do Povo, o que acentuará algumas das contradições que existem no seu seio como sejam o tribalismo e o racismo

O IMPERIALISMO NÃO PODE DOMINAR SEM VIOLÊNCIA!

A estratégia imperialista visa a implantação de um regime neocolonial em Angola que assim continuaria na dependência económica e política

de velhos e novos patrões. Para atingir tal fim o imperialismo utiliza a tática de cerco e esmagamento de todas as forças patrióticas que se lhe opõem e aspiram a uma Independência completa.

No entanto, a resistência e a organização populares, que têm impedido a implantação do inimigo imperialista obrigou-o a reconhecer que em Angola o imperialismo não pode dominar sem violência!

O SIGNIFICADO DOS ACORDOS DE NAKURU

Os acordos de Nakuru são o resultado de uma longa resistência popular e mais uma vitória do Povo sobre o inimigo imperialista.

Os acordos de Nakuru, no entanto, não constituem a vitória final. O insuficiente reconhecimento de lutas e organizações populares mostram-nos que as massas populares devem aumentar a sua organização e vigilância pois, da continuidade da nossa luta e só disso dependerá a libertação total do País. Do estudo da história da luta pela libertação nacional do nosso Povo e de outros Povos do mundo conclui-se que o imperialismo utiliza muitas vezes a tática alternada de guerra e de "paz" e só aceita a "paz" para depois melhor fazer a guerra.

Os acordos de Nakuru, conse-

quência da luta desencadeada pelas massas populares, podem constituir um instrumento que servirá para avançar na luta pela conquista das liberdades democráticas através do isolamento dos agentes internos do imperialismo. Porém, as forças verdadeiramente revolucionárias do País devem aumentar a sua unidade e vigilância com o fim de constituir uma poderosa muralha de ferro capaz de resistir e vencer uma guerra de agressão imperialista.

Camarcadas,

O momento actual é de luta. Imprimamos mais um salto qualitativo ao nosso combate intensificando a luta ideológica, o nosso trabalho de organização e mobilização, fazer com que os trabalhadores participem cada vez mais nas tarefas da direcção da luta, elevando o grau de consciência política das massas populares.

ABAIXO O DERROTISMO!

ABAIXO O TRIBALISMO E O RACISMO!

MORTE AO IMPERIALISMO!

VIVA A ALIANÇA OPERÁRIO-CAMPONESA!

LUTEMOS PELAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS!

VIVA O PODER POPULAR!

A LUTA CONTINUA!

UM COMBATENTE DE UM EXÉRCITO POPULAR DEVE PENSAR, AGIR E VIVER COMO UM REVOLUCIONÁRIO

8 RECOMENDAÇÕES IMPORTANTES

- 1) Falar atenciosamente.
- 2) Comprar e vender com honestidade.
- 3) Devolver tudo quanto se tenha pedido emprestado.
- 4) Ser responsável por todos os prejuízos que se causam.
- 5) Não bater nem insultar as populações.
- 6) Não causar prejuízo às populações.
- 7) Não abusar nem aproveitar-se das mulheres.
- 8) Não maltratar os prisioneiros.

3 GRANDES REGRAS DE DISCIPLINA

- 1) Obedecer às ordens em todas as acções.
- 2) Não se apoderar de nada que pertença às massas populares
- 3) Entregar aos responsáveis tudo o que for capturado.

continuação da pág.3

Não basta dizer "eu sou revolucionário", é preciso pensar, agir e viver como um revolucionário. Assim teremos uma sociedade forte e unida que conseguirá recuperar, com a sua acção revolucionária, as pessoas que parecia que era impossível corrigir.

AO TRABALHO, CAMARADAS! DEDIQUEMOS A ESTA TAREFA A MAIOR DAS ATENÇÕES!

RESPONDAMOS À CORRUPÇÃO BURGUESA COM A MORAL REVOLUCIONÁRIA!

TRABALHEMOS PARA UM AMPLO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO REVOLUCIONÁRIA!

A LUTA CONTINUA!

UM COMBATENTE DE UM EXÉRCITO POPULAR DEVE PENSAR, AGIR E VIVER COMO UM REVOLUCIONÁRIO

O QUE É A MORAL REVOLUCIONÁRIA?

A moral revolucionária é a moral da classe operária e de todos os trabalhadores em luta contra a opressão e a exploração.

O princípio básico desta moral é a luta contra todas as formas de exploração do homem pelo homem, a luta pela libertação de todos os trabalhadores, acabando com todas as diferenças tribais e raciais, a luta pela Revolução. O bem de toda a sociedade, o bem do Povo, dos trabalhadores está acima de tudo: isto é o fundamental da moral revolucionária.

Na sociedade capitalista o homem trabalhador passou a ser um objecto de exploração, uma fonte de lucro; na sociedade pela qual lutamos, a sociedade socialista, pelo contrário, o mais importante é o trabalhador, é o homem.

SIGAMOS CONSTANTEMENTE A MORAL REVOLUCIONÁRIA

Significa tudo isto que devemos ter uma moral revolucionária e combater a maneira de viver dos burgueses e a sua moral burguesa. Para sermos verdadeiros revolucionários temos que combater a corrupção burguesa respondendo com a nossa moral, a moral revolucionária, aplicando-a a todos os aspectos da nossa vida. Temos que aprender a viver de uma maneira revolucionária no exército, no seio da família, nas relações do dia-a-dia com todos os que nos rodeiam. Isto significa que devemos ser intransigentes com os nossos inimigos, ter consciência dos nossos deveres para com a sociedade, participar activamente nos trabalhos para bem da sociedade, na ajuda amiga, na sinceridade, na luta contra o egoísmo, etc.

UM COMBATENTE DE UM EXÉRCITO POPULAR NÃO SE PODE COMPORTAR COMO UM BURGUEZ

O facto de alguns camaradas desohecerem isto leva-os muitas vezes a ter um comportamento que vai contra os objectivos da nossa luta. Quando por exemplo, ouvimos alguns combatentes dizer que: "*Essas miúdas deviam facilitar mais com os camaradas*" ou "*Elas dizem que são progressistas mas quando lhes digo que é para dormir comigo, não aceitam*", isto quer dizer que eles ainda não compreenderam qual é o papel da mulher na Revolução.

Para os burgueses a mulher é um objecto de prazer e de trabalho e não lhe é reservado qualquer papel na vida política do país. Para um revolucionário, a mulher é principalmente uma companheira de luta, um ser opri-

mido e explorado que também precisa ser libertado e por isso luta ao seu lado.

Outro exemplo de pensamento burguês é dizer: "*Vou escolher este trabalho mais fácil e o outro camarada que vier a seguir que se lixe e que se desenrasque*", ou "*tenho 4 cigarros e por isso não te posso dar um, camarada. Preciso poupar para logo à noite*". etc. Estes camaradas precisam combater o individualismo egoísta característico da burguesia e cultivar o espírito de sacrifício que caracteriza



HOJI YA HENDA
Um exemplo na aplicação dos princípios revolucionários

o revolucionário. O burguês é que se preocupa principalmente consigo, com o seu conforto, em levar uma boa vida. O revolucionário põe acima de tudo os interesses do Povo e para fazer com que a Revolução seja vitoriosa faz todos os sacrifícios até dar a própria vida. Para um revolucionário os seus camaradas combatentes contam muito, preocupa-se com os seus problemas e procura ajudá-los a resolvê-los, divide com ele tudo o que tem, estudam e discutem em conjunto, porque assim estarão unidos para poder vencer o inimigo.

O EXEMPLO VEM DO POVO

A actividade política das massas populares no nosso País e o seu inegotável poder criador têm-nos mostrado que o melhor meio de luta contra o individualismo egoísta - inimigo principal da moral revolucionária - é a aplicação de um COLECTIVISMO ACTIVO. Um exemplo de COLECTIVISMO ACTIVO aconteceu quando as Comissões Populares de Bairro (em Luanda) lançaram a campanha de limpeza dos Bairros. Todos participaram mesmo aqueles que a frente da sua casa não estava sujo. Outros por exemplo, alguns estudantes, mesmo sem morar ali também limparam.

A IMPORTÂNCIA DE FAZERMOS UM AMPLO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Camaradas,

O imperialismo e os burgueses lacaios do imperialismo não nos combatem só com as armas. Eles esforçam-se por meter nas nossas cabeças a sua maneira de viver, isto é, procuram fazer com que os revolucionários tenham hábitos ou desejem vir a ter hábitos burgueses. E esta é a sua arma mais perigosa e a que temos mais dificuldade de combater. Eles fazem tudo isto para acabar com o espírito revolucionário das massas trabalhadoras, corromper a classe operária e a juventude com a sua moral corrompida para mais facilmente impedirem a Revolução.

É por isso que em alguns Países onde os seus Povos já fizeram a Revolução, hoje está tudo a voltar para trás e já há outra vez burguesia, exploradores e explorados. Isto pode acontecer porque há revolucionários que depois de derrotarem o inimigo imperialista e às vezes até mesmo antes disso, se deixam adormecer e não continuam a luta passando a fazer a vida de grandes burgueses. Para dar um exemplo de que a luta tem que continuar mesmo depois de derrotarmos o imperialismo podemos contar o caso do Povo Chinês que fez uma Revolução em 1949 criando a República Popular da China e que se viu obrigado a fazer uma Revolução Cultural em 1966 para impedir que tudo voltasse para trás. O Povo Chinês defendeu assim as suas conquistas.

Esta é a razão porque nesta fase da nossa luta se deve dar a máxima importância ao trabalho de educação revolucionária dos quadros e das massas. E isto deve ser feito em toda a parte: nas reuniões das organizações, no nosso Exército, nos Sindicatos, nas aldeias, nos Bairros, nas escolas, nas fábricas e oficinas, com os amigos, em toda a parte.

continua na pág. 2

A FORÇA POLÍTICA DO POVO

O SIGNIFICADO POLÍTICO DO DIA 22 DE MAIO

Ao falarmos do dia 22 de Maio em Luanda, teremos necessariamente de fazer um recuo no nosso calendário e fixarmos o dia 1 de Maio. Esta é uma das datas mais importantes do proletariado internacional, composto pelo numeroso exército dos milhões de explorados que encarnam a miséria desde o nascimento até à morte, passando pela reprodução. É o glorioso Partido da classe operária que, num combate libertador, orienta para a vitória rumo à instauração do Poder Popular e a vergonhosa derrota das forças reaccionárias, constituídas pela burguesia e todos os seus lacaios que enquanto estão no governo controlando o poder estatal, mantêm o proletariado, os camponeses e todas as forças revolucionárias do País na mais vil opressão, servindo-se da polícia e do exército com o chicote, a palmatória, os fuzis e a exploração nas fábricas, nas oficinas e em todo o tipo de empresas.

Com a queda do colonialismo criaram-se condições em Angola para a formação de uma Nação livre e democrática.

Actualmente, existe no País um Governo de Coligação e nestas condições é de esperar, pela natureza das forças em presença, que apareçam contradições que poderão levar à ruptura. Cada uma das forças utiliza o poder que lhe dá a sua presença no Governo para impôr a sua concepção reaccionária ou não de resolver os problemas nacionais; cada uma das forças no Governo irá ser polícia dos interesses que defende e lutará até ao fim para que as suas posições anti-nacionais ou não vençam.

Assim, pelos interesses que defende, o proletariado, os camponeses e as camadas revolucionárias do nosso País, vão-se apercebendo, à medida que o tempo avança, à medida que as contradições e mesmo as diferenças vão sendo cada vez maiores e mais profundas e à medida que os actos e tomadas de posição vão mostrando com mais clareza o carácter, a natureza e os objectivos de cada uma das forças libertadoras.

As massas vão-se aperceber com quem poderão contar, para se aliarem na defesa dos seus interesses na luta contra o imperialismo presente na pele dos seus lacaios internos e acabar com a exploração do homem pelo homem para instaurar a verdadeira democracia no nosso País.

Os inimigos do Povo acabarão por ficar sôzinhos e por desaparecer (perfurados pelas balas do Povo) esmagados pela força do exército do Povo.

Para quem precisa julgar muitos factos existem vários exemplos.

Quando dos primeiros massacres o Povo organizou-se em auto-defesas de Bairro; hoje estas auto-defesas são condenadas por certas forças, acusando-as de cow-boys.

Com a saída dos comerciantes dos muques e com o processo de desenvolvimento das organizações de auto-defesa, surgem as Comissões de Bairro e hoje estas sofrem ferozes ataques da parte de certas forças do Governo.

Os estudantes que se manifestam por um ensino democrático e por uma participação na gestão da escola são chamados delinquentes.

Estes não são senão alguns exemplos. Tanto as auto-defesas como as Comissões de Bairro são formas organizativas que o Povo encontrou para a resolução dos seus problemas gerados pela fase de transição que o nosso País atravessa. Não houve nenhum grupo estranho que disse ao Povo para se organizar desta ou daquela forma: foram as necessidades de defesa contra as balas assassinas, ontem dos colonos e hoje de certos compatriotas ou não, aliados aos mesmos colonos e a saída dos comerciantes que levou a este ponto. Foi a necessidade que o Povo sentiu de edificar uma vida nova em liberdade, e defender as conquistas da guerra de libertação.

Quem estiver contra estas organizações e quiser impôr outras que o Povo não vê necessidade, não tem senão o objectivo de controlar o Povo para submetê-lo a novo colonialismo. Ao Povo não se deve impôr nenhum tipo de organização; as forças que defendem o Povo, devem defender e orientar as formas organizativas que o Povo livremente encontra como vias eficazes para combater os seus inimigos e satisfazer os seus anseios. Se em cada empresa, oficina ou fábrica por mais pequena que seja há sempre a necessidade reconhecida de os trabalhadores se organizarem e formarem a sua Comissão representativa para melhor solução dos problemas que inevitavelmente sempre aparecem quer no seu próprio seio, quer em relação ao seu casaca (o patrão explorador), com maioria de razão o Povo no nosso País deve organizar-se até para facilitar a tarefa dos nossos governantes.

Nos países livres, e até naqueles em que a burguesia controla o Governo, mas o proletariado, os camponeses e todas as forças revolucionárias através da sua luta conseguiram já determinados direitos, o 1º de Maio é comemorado livremente. No nosso País, em que o 25 de Abril permitiu a arrancada para vitórias maiores, teve o seu 1º de Maio comemorado a 1 de Maio de 1974. Cerca de

50 camaradas com meia dúzia de cartazes que saiam do Marçal rumo à cidade do asfalto, foram maltratados a soco e a baioneta pela polícia militar portuguesa certamente em cumprimento de uma ordem da reacção interna representada pelo encarregado do governo português em Angola, Soares Carneiro. O facto não admira; naquela altura como agora a força do Povo assusta os reaccionários de todo o Mundo.

Este ano já não seriam umas dezenas mas várias dezenas de milhar de manifestantes reivindicando liberdade para as classes mais exploradas; desta vez meia dúzia de jeeps não seriam capazes de travar a vitoriosa marcha dos progressistas unidos, mas a reacção não teve problemas: desencadeou um intenso tiroteio durante 3 dias e assim impediram a realização da triunfal marcha, em Luanda. Não obstante, em diversos pontos do País os trabalhadores manifestaram-se, fazendo deste dia mais uma jornada de luta contra a exploração.

Não se podia ficar por aqui. A lógica mais elementar ensina-nos que a única força invencível são os milhões de operários, camponeses e intelectuais revolucionários organizados. Esta verdade dá às forças revolucionárias a responsabilidade de, dia-a-dia, segundo a segunda, confirmarem, na prática a sua força invencível; era necessário provar a reacção que não são os tiros de 3 dias ou de 30 anos que iam assustar os trabalhadores mas é o susto e o medo que a burguesia e todos os reaccionários sentem da força do Povo que os obriga a dar tiros. E assim o dia da vitória foi marcado. No dia 22 de Maio atrás do cinema Império ficou provado que quando o Povo quer nada há a fazer. Como sempre o inimigo atacou; mas é como diz Tallo: "Pergunto sempre a burrice que fiz quando o meu inimigo me cumprimenta". As represálias teriam de surgir: foi descontado aos trabalhadores o dia 22 de Maio, sobre o caderno reivindicativo entregue ao Governo de Transição, nem notícias. Mas a luta não pára porque o objectivo é a vitória sobre a reacção organizada no nosso País. O momento actual no País é de luta! Luta contra a reacção interna, contra os servidores do imperialismo, passando pela luta contra a exploração e contra a sabotagem da economia de Angola, contra o encerramento das fábricas e oficinas.

VIVA A JUSTA LUTA DO PROLETARIADO!

ABAIXO A REACÇÃO!

VIVA A REVOLUÇÃO PROLETÁRIA!

AS TAREFAS DOS ESTUDANTES NESTA ETAPA DA LUTA

- A GREVE É JUSTA -
AS MASSAS POPULARES APOIAM-NA!

A greve estudantil continua a ser mantida neste momento, após dois meses de luta.

Esta é a resposta a todos aqueles que duvidavam do apoio que a maioria dos estudantes dá à sua vanguarda. Com este facto eles devem aprender a não duvidar da capacidade de luta das massas estudantis do nosso País.

E esta é uma resposta tanto mais clara quanto foi preciso combater duramente contra os feudos reaccionários dos que defendem um ensino neo-colonialista ao serviço dos lacaios internos do imperialismo no nosso País.

Mas se esta reacção era forte, principalmente entre os professores e alguns liceus frequentados pela "elite", mais forte era o apoio que, em primeiro lugar os operários e, mais tarde, todos os trabalhadores, deram à luta estudantil.

**OS ESTUDANTES LUTAM AO LADO
DOS OPERÁRIOS E CAMPONESES
CONTRA O IMPERIALISMO - ELES
NÃO EXIGEM A REFORMA DO ENSINO!**

No nosso País trava-se neste momento uma luta de vida ou de morte

contra o imperialismo e os seus lacaios internos.

Todo o nosso Povo sabe já e já o sentiu que nesta luta só há duas soluções: ou vencemos o imperialismo e os seus lacaios internos ou somos esmagados por eles. Perante esta situação tão clara não há lugar para hesitações ou terceiras posições: quem se junta aos lacaios do imperialismo e os apoia é inimigo do Povo.

Também os estudantes têm pois de tomar uma posição clara quanto a esta luta de vida ou de morte: ou estão ligados ao Povo ou unidos à reacção.

E a sua greve é, neste momento, uma posição firme e clara contra a reacção que apoia e anima a implantação de um regime neo-colonialista no nosso País.

Confundir pois esta luta com uma luta pela Reforma do Ensino é não estar ligado às massas estudantis, é não perceber as suas justas aspirações! É este o erro do Ministro da Educação!

**QUAIS SÃO AS TAREFAS
QUE SE PÕEM AOS ESTUDANTES EM GREVE?**

Os estudantes progressistas defendem que os problemas mais urgentes a resolver no nosso País, são os problemas de todo o Povo e não os seus próprios problemas.

Uma grande aspiração do nosso Povo é aprender a ler, é receber uma formação política que lhe permita compreender melhor a situação política do nosso País.

É um dever pois dos estudantes poderem a esta justa aspiração. No nosso País, onde a população é pouca, as comunicações são difíceis e a situação é de instabilidade ou de guerra aberta é importante criar escolas rurais, grupos de leitura de jornais e núcleos, dispersos e móveis, para aprender a ler e a escrever. Esta tarefa pode e deve ser desempenhada pelos estudantes que querem servir o Povo.

É também tarefa imediata a criação e desenvolvimento de CURSOS LIVRES em todas as escolas.

Estes cursos livres devem funcionar como centros de discussão política abertos a todo o Povo, onde, com a participação dos trabalhadores se discute a situação política geral do nosso País, o papel dos estudantes na luta anti-imperialista, a criação dum ensino ao serviço do Povo, etc.

Devem também ser criados nas escolas centros de leitura com livros e jornais abertos a todo o Povo e convidar todos os trabalhadores a utilizá-los.

Estes cursos livres e estes centros de leitura têm um papel muito importante a realizar e podem vir a dar bons frutos e chegar a conclusões muito úteis sobre o que deve ser a Reforma do Ensino no nosso País.

Com efeito, a Reforma do Ensino não pode ser um estudo feito sobre os antigos programas por meia dúzia de doutores escolhidos pelo Ministério da Educação. A Reforma do Ensino tem que passar por uma AMPLA DISCUSSÃO POPULAR.

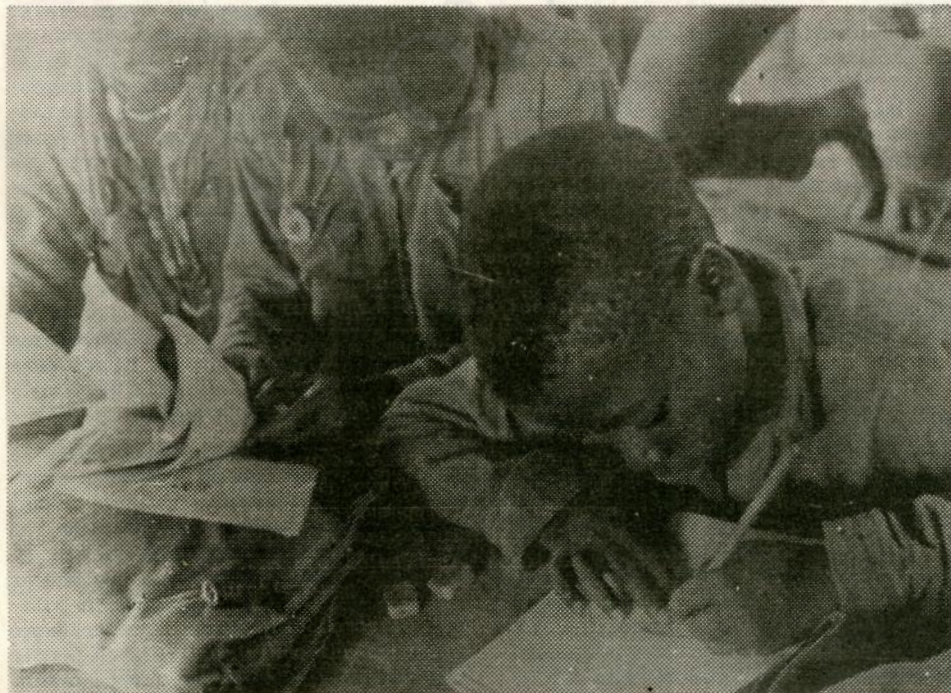
OS ESTUDANTES DEVEM CRIAR A UNIDADE

Para poderem realizar estas tarefas tão importantes os estudantes têm que saber construir uma unidade, UMA UNIDADE COM TODOS AQUELES QUE ACEITAM ESTES OBJECTIVOS E QUE ESTÃO DECIDIDOS A LUTAR POR ELES!

**VAMOS ORGANIZAR CURSOS LIVRES
E CENTROS DE LEITURA!**

**VAMOS ORGANIZAR E DESENVOLVER
NÚCLEOS MÓVEIS DE ALFABETIZAÇÃO!**

**VIVAM OS ESTUDANTES
QUE QUEREM SERVIR O POVO!**



LUTEMOS COM O POVO NO ENSINO!

AS CLASSES TRABAL

DONDO:

TODOS OS REACCIONÁRIOS TÊM MEDO DO POVO!

EXTRACTOS DAS INTERVENÇÕES DO CAMARADA PACAÇA, RESPONSÁVEL POLÍTICO DO MPLA NO DONDO, E DE UM ELEMENTO DA CEEC - COMISSÃO DE ESTUDANTES DA ESCOLA COMERCIAL 1ª DE MAIO DE LUANDA - NA FÁBRICA SATEC (DONDO)

Camaradas,

A fuga precipitada de alguns técnicos desta cidade, quando foi dos últimos incidentes, provocou como os camaradas sabem, muitos problemas: um dos problemas foi que as fábricas todas estiveram em vias de fechar. Não só as fábricas mas também o comércio, esteve quase tudo em vias de fechar. Portanto, camaradas, todos estão a ver as consequências desta situação. Se as fábricas fecharem os operários aqui do Dondo vão ser empurrados para uma situação catastrófica. Por isso nós temos que ver claramente quais são os nossos problemas, temos que nos preparar antecipadamente para lhes fazer face quando eles surgirem.

Alguns problemas já foram solucionados. Alguns técnicos regressaram; são os técnicos que confiam no nosso Movimento por que ao fim e ao cabo o nosso Movimento é o único que lhes pode dar garantias. Entretanto, camaradas, isto permite-nos ver que todas estas soluções são soluções transitórias. Esta fábrica, como os camaradas sabem, não fechou. Os camaradas aguentaram a fábrica, mas eu também estou convencido que a médio prazo ou a longo prazo nós íamos ter grandes problemas porque o colonialismo não quis que houvesse técnicos, quadros angolanos formados. Portanto nós temos que pensar rapidamente na formação acelerada de técnicos. Aqui mesmo na SATEC nós temos que exigir que os operários tecnicamente mais avançados passem a receber instruções técnicas de forma a que quando voltar a surgir uma situação dessas os camaradas possam evitar uma situação que seria sem dúvida catastrófica. Nesta fábrica há 1.200 operários e 1.200 operários lançados ao desemprego irão causar uma série de problemas de toda a ordem. Quanto a esta situação aqui eu penso ainda que alguns problemas que existem poderiam ser agora solucionados pelo menos em parte. Agora, camaradas, já não há receio de se trabalhar à noite. Os turnos da noite, em minha opinião - embora isso tenha que ser bem discutido - podem começar a funcionar novamente, visto que os lacaios do imperialismo abandonam precipitadamente a nossa cidade. Portanto já não há o perigo dos camaradas serem presos, viados, como tem acontecido.

Agora, camaradas, eu vinha pedir-lhes para comparecerem em massa ao meio dia em frente da ex-delegação da FNLA de forma a fazer deste dia mais uma jornada de luta gloriosa. Isto ensinamos também, camaradas, esta fuga precipitada ensina-nos na realidade, que

quem deve ter medo são os reaccionários e não as massas populares.

OS REACCIONÁRIOS É QUE TÊM MEDO DO POVO E NÃO É O POVO QUE DEVE TER MEDO DELES

Um pequeno boato colocou em fuga uns 30 ou 40 homens da FNLA que estavam aqui. Eles refugiaram-se em Cambambe e estão dispostos a sabotar a barragem, segundo notícias que nos chegam. Nós não podemos permitir isso nós devemos exigir em massa das autoridades portuguesas o controle da situação. Nós temos que exigir das autoridades portuguesas, através de uma forma de luta que seja correcta, que tomem medidas quanto à situação que se vive em Cambambe. Eles não podem continuar lá. Quero informar também os camaradas que os lacaios do imperialismo estão a peito com algumas contradições internas. Alguns camaradas disseram que eles andaram a jogar à porrada entre eles. Os que vieram do Zaire e os de cá andaram à facada, e os de cá abandonaram Cambambe.

Isto mostra que todo o Exército que seja contra o Povo, um Exército de mercenários - É UM EXÉRCITO PODRE! Um Exército minado por contradições internas e mais cedo ou mais tarde grandes problemas vão surgir no meio deles.

Portanto camaradas, sobre a situação política no nosso País, a fuga de alguns técnicos e outros problemas como a confusão lançada pela FNLA, pelas forças reaccionárias, colocam graves problemas ao nosso País que urge resolver, sobretudo problemas económicos. Nós já começamos a sentir a falta de fuba. Portanto, camaradas, chegou o momento de nós nos organizarmos e partirmos para o trabalho. Temos que racionalizar a economia do nosso País, temos que começar a controlar determinados sectores da nossa economia.

Eu verifico aqui que quase todas as fazendas de óleo de palma e dendem foram abandonadas. Algumas foram ocupadas pelos trabalhadores. Elaborou-se um esquema de gestão democrática em que os próprios trabalhadores estão a gerir as fazendas e a dirigir a produção. Aqui na nossa cidade urge também fazermos face a outros problemas muito grandes. São todos interdependentes. É o problema do comércio, do abastecimento. Os comerciantes que abriram as lojas estão numa situação vacilante: dum momento para outro eles podem novamente abandonar as lojas. É necessário nós prevenirmos os problemas. Em alguns bairros estão a ser organizadas as Cooperativas de Consumo. Os camaradas

dos moradores desses bairros devem fazer um esforço, devem participar activamente no processo de criação das Cooperativas de Consumo de forma a podermos fazer face a esses problemas.

Eu queria ainda dizer aos camaradas que a luta que se trava neste País é essencialmente uma luta de classes. A nossa sociedade está dividida em classes, principalmente 2 classes: a classe dos trabalhadores e a classe dos que vivem à custa do trabalho dos operários e camponeses.

A NOSSA SOCIEDADE ESTÁ DIVIDIDA PRINCIPALMENTE EM RICOS E POBRES.

Portanto a nossa sociedade está dividida principalmente em ricos e pobres. Todos os acontecimentos não são mais que manifestações da luta de classes, da luta dos trabalhadores por uma sociedade onde não haja exploração.

A nossa luta tem também várias frentes: há uma frente económica, a luta diária dos trabalhadores pelo aumento dos salários, pela assistência médica, por toda a espécie de regalias: nós chamamos a isso a luta económica. Mas a luta económica não é suficiente. Ela deve ser um complemento da luta política. A luta política é aquela que os trabalhadores fazem para conquistarem o poder. O poder de estado, o poder político deve estar na mão dos trabalhadores. Só assim é que nós poderemos construir uma sociedade justa. Portanto, a luta económica deve servir essencialmente para nós, ao mesmo tempo que melhoramos o nível de vida, temperarmos as nossas forças, ganhando novas formas de organização para podermos participar na batalha final naquela que se vai fazer pelo poder político. Só quando o poder político, o poder de estado estiver na mão dos trabalhadores é que será possível nós partirmos para uma verdadeira Reconstrução Nacional, para fazermos a Reconstrução do País.

Outros problemas se põem nesta fábrica. Eu penso que os camaradas deverão partir para novas formas de organização cá dentro para que se possa fazer face a muitos problemas que por cá surgem. É também necessário nós elevarmos o nosso nível de consciência política, a nossa capacidade de organização porque se assim não fizermos os problemas vão-se avolumar e a curto prazo, vão-se tornar difíceis de resolver. Nós poderemos agora fazer muito mais Assembleias de Trabalhadores, discutir os problemas em conjunto, encontrar soluções também em conjunto.

continua na pág. 8

ALHADORAS EM LUTA

DIVIDIR PARA REINAR É LEMA DO IMPERIALISMO

Entrevista do "4 de Fevereiro" à Comissão Popular do Bairro Petrangol, Bairro da Coral

P- Podem falar-nos sobre os acontecimentos que tiveram lugar neste bairro?

PRESIDENTE DA COMISSÃO:

R- 6ª feira, no dia 7, começaram os massacres no nosso bairro e o Povo foi obrigado a abandoná-lo. Os massacres perpetrados pela FNLA e UNITA tiveram como consequência 14 mortos nos locais.

Nós para cumprir o nosso dever de solucionar os problemas do Povo alojamos esta população aqui, cerca de 1.700 desalojados.

R- Esses massacres começaram por volta das 19h30m. Às 20 horas os militares da UNITA e da FNLA, misturados, começaram a andar de casa em casa, principalmente nas casas dos camaradas que se identificassem do MPLA, e esses eram logo abatidos. Os militares estavam a ser conduzidos por civis da UNITA e da FNLA, o Tito, o Pio e o Casimiro (FNLA) morador aqui na CORAL.

No sábado, os militares da UNITA continuaram com os seus tiroteios contra as casas. A minha casa está totalmente esburacada.

Os desalojados já pediram às autoridades que querem regressar às suas casas mas é preciso que o governo tome medidas e principalmente o sr. Comandante da UNITA que se encontra naquele bairro que tire de lá os seus militares armados.

P- Quais as medidas tomadas pela C.P.B para resolver os problemas surgidos com os desalojados vindos do bairro da CORAL?

R- A comissão começou por contactar o 4 de Fevereiro, a vitória é certa, para informar o que aconteceu.

Depois contactámos como liceu N' Zinga Mbandi, a comissão dos desalojados, a Escola Comercial. Daí, têm vindo os víveres que temos distribuído à população. Também a base militar cedeu uma casa à população, que era da OMA.

Encontramos agora dificuldades de géneros alimentícios, mas fazemos tudo para que eles venham. Temos dividido o pouco que há por todos.

Faço um apelo para que os responsáveis tomem medidas.

As casas dos desalojados entretanto foram roubadas por oportunistas,

bandidos e mesmo militares.

P- Quais são as possibilidades dos camaradas desalojados de regressarem às suas casas?

UM DESALOJADO- É possível e é da vontade do Povo, estamos à espera que a delegação da UNITA que esteve reunida no DOM Regional com camaradas dos C.A. do MPLA que deem cumprimento às suas promessas, que são de diminuir as forças da UNITA no Bairro da CORAL e com a intervenção das FA. poderão garantir a segurança dos desalojados.

P- Nós temos ouvido falar que o Povo de Luanda está a expulsar todos aqueles que não são de Luanda, principalmente do Centro e Sul, nós gostaríamos de saber se a C.P.B. tem conhecimento de que isso se está a passar neste bairro.

R- Este carácter tribalista não existe no nosso bairro, porque durante os acontecimentos, na zona onde estão instaladas as bases da FNLA e da UNITA foi ali que foram expulsas pessoas. Vimos todos juntos e mesmo na reunião

continua na pág. 8



MACAMBIRA (LUANDA):

UM SÍMBOLO DA LUTA CONTRA A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA!

Os operários da Fábrica Imperial de Borracha são vítimas das mais caducas relações de exploração capitalistas e colonialistas.

Trabalhando em condições quase inumanas, têm um horário de oito horas diárias para uma semana de 6 dias. Oito horas de trabalho sem interrupção, trabalhando em câmaras de fumo sem os aparelhos adequados para este tipo de trabalho. Refeição de café e pão. Canecas de chapas enferrujadas. Refeição essa tomada ao lado das máquinas do patrão Macambira.

Como uma frente unida na luta contra a exploração patronal e atitudes fascistas, vigilantes contra os argumentos vagos e vazios, os operários desta empresa resolveram entregar um caderno reivindicativo aos patrões Macambira tentando aliviar 27 anos de relações caducas, mas conscientes de que quem resolverá a situação caótica dos trabalhadores serão eles mesmos, firmes na luta contra a exploração capitalista e imperialista.

AS CLASSES TRABALHADORAS EM LUTA

(conclusão da pág. 6)

Isto é fundamental não só para esta fábrica, mas também para todas as fábricas do País.

Em seguida o Camarada Comissário, passou a palavra a um Camarada estudante da Escola Comercial 19 de Maio, em Luanda, que afirmou:

Camaradas:

Como estudante gostava de transmitir a experiência que neste momento os estudantes de Luanda têm na luta dos trabalhadores.

As classes trabalhadoras são as classes dirigentes da luta e nós estudantes, quando queremos participar na luta, temos que chegar junto dos trabalhadores e buscarmos um bocadinho da experiência deles.

Neste momento a luta dos estudantes em Luanda já conseguiu atingir um certo grau, tanto que os estudantes neste momento estão em contacto com os trabalhadores precisamente para buscarem experiência de classe aos trabalhadores.

A nossa luta tem, por finalidade,

combater as forças reaccionárias do nosso País.

Portanto, neste momento, há uma greve em Luanda desencadeada já há dois meses e só sabemos que tivemos negociações com o Sr. Ministro que duraram só quatro dias. Últimamente o que temos ouvido da boca do Sr. Ministro é que os estudantes são uns bandidos, são uns assassinos que têm armas nas escolas para enfrentar as forças armadas.

Contudo, nós sabemos que esta é mais uma manobra das forças reaccionárias do País para enfraquecer as forças progressistas.

Neste momento o Sr. Ministro está a tentar meter os encarregados de educação, os professores e os alunos todos em choque porque ele sabe que dentro dos alunos há uma minoria de reaccionários que não defendem as ideias correctas e há revolucionários que defendem as ideias correctas. Em Luanda há pois um grupo de reaccionários e há uma maioria que apoia os revolucionários. No entanto, o Sr. Ministro insiste que o grupo da minoria reaccionária corresponde à maioria e o grupo da maioria é o que corresponde à minoria.

Nós neste momento, em Luanda, es-

tamos em contacto com os operários e sabemos que eles neste regime de exploração têm servido como objectos de produção, não têm acesso à cultura nem às escolas. Nós estamos então a ver, com as Comissões de trabalhadores, as estruturas que podemos montar para dar aulas de alfabetização nos seus locais de trabalho. Estamos a tentar fazer aulas de formação política.

Os trabalhadores é que sentem mesmo a exploração; o estudante só pode participar na luta chegando ao lado do trabalhador e procurando ganhar a experiência dos trabalhadores. É isto que nós estamos então a fazer. Só os operários é que podem levar a luta até à vitória final. Só aquele que sente a exploração na carne pode levar a luta até à vitória. Os operários têm pois que se organizar, como disse o camarada Comissário Político.

Eu gostava de dizer, para terminar, que a Comissão de Trabalhadores da SATEC entrasse em contacto com os camaradas estudantes do Dondo para tentarem abrir escolas nos locais de trabalho. Se bem que não seja preciso aprender a ler para participar na luta política, assim é mais fácil adquirirmos uma formação política.

DIVIDIR PARA REINAR É LEMA DO IMPERIALISMO

continuação da pág. anterior

do DOM Regional, o Comissário Político do MPLA aqui no Bairro da PETRANGOL, o camarada Paulo levou como testemunha um Comissário Político da UNITA aqui do nosso bairro que confirmou que nada disso se passa no nosso bairro.

P- Houve há dias uma manifestação de populares do Centro e Sul dizendo que estavam a ser expulsos pela população de Luanda. Nós queremos que a C.P.B. nos dissesse qual é a opinião das pessoas deste bairro sobre essa manifestação.

R- A C.P.B. e o Povo em geral deste bairro repudia esta manifestação porque ela tem um carácter tribalista. Pensamos que foi alguém que manobrou, que tentou dividir o Povo, para nos separar, para dar cabo da economia do nosso País.

P- O que é que a C.P.B. tem feito para combater o tribalismo?

R- Dividir para reinar é o lema dos imperialistas. O Povo angolano já conhece essas manobras. Nós, os da C.P.B. temos feito tudo para combater o divisionismo dentro do bairro.

No seio da nossa Comissão há elementos de vários pontos do País. Nos comícios, nos encontros populares, na mobilização que temos feito falamos sempre no mal da divisão do Povo, o Povo de Angola é só um.

P- As C.R.B. ainda não foram reconhecidas pelo governo de transição. A C.P.B. da PETRANGOL continua a desenvolver trabalho no sentido de continuar a servir o Povo?

R- Nós temos que continuar a trabalhar afinadamente. Nos últimos tempos temos aumentado mesmo os nossos esforços e quanto mais manobras existem mais nós tentamos trabalhar melhor.

Temos promovido Assembleias Populares. Agora o Povo tem participado mais activamente, mais do que antes.

Estamos a construir as nossas instalações. Temos várias obras em estudo - mercado, postos médicos, cooperativas, temos uma escola a funcionar.

P- Quais as maiores dificuldades que sente a C.P.B.?

R- Por tudo isto, o Povo Angolano já compreendeu que só comissões populares como órgãos de gestão popular o podem servir. Ao contrário do que se diz que eles são a anarquia, o banditismo, esta comissão está aqui para discutir os nossos problemas, para resolver estes problemas.

Agradecemos ao "4 de Fevereiro" terem vindo ter conosco.

VIVA O PODER POPULAR!

VIVA AS COMISSÕES DE BAIRRO!

VIVA A DEMOCRACIA POPULAR!

A LUTA CONTINUA!

4 DE
FEVEREIRO

Ano I - Nº 5
3 de Julho de 1975

Director e proprietário:
LUIZA COSTA

Rua Conde Ficalho 76-A

Os artigos não assinados são da exclusiva responsabilidade da Direcção.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores. A Direcção do Jornal declina qualquer responsabilidade pelos originais que lhe forem enviados.

Os artigos não solicitados que não forem publicados não serão devolvidos.

Todos os artigos deste Jornal podem ser livremente reproduzidos.

Camaradas: criemos, por toda a parte, grupos de leitura e apoio ao Jornal 4 de Fevereiro.

A LUTA CONTINUA!

O TEXTO QUE A SEGUIR TRANSCREVEMOS É O RESULTADO DE UMA REUNIÃO DE TRABALHO DOS OPERÁRIOS DA CONDEL, ORGANIZADOS EM GRUPOS DE ACÇÃO.

É verdade que muito embora tenhamos já um Governo de Transição e apesar de estarmos já a dois passos da Independência do nosso País a exploração dos Trabalhadores continua. Temos ainda no nosso País trabalhadores cujos salários não lhes permitem lutar contra a fome e a miséria. Temos assistido a diversas manobras dos detentores da economia do nosso País que, quando os trabalhadores se organizam em Comissões de Trabalhadores e reivindicam um salário mínimo para que possam dar aos seus filhos o pão-de-cada-dia, imediatamente os patrões dizem que não podem atender os seus pedidos porque a fábrica, a empresa só tem dado prejuízo e que se atendesse às justas reivindicações dos trabalhadores ver-se-iam obrigados a encerrar a fábrica ou a empresa.

Trabalhadores angolanos: nós sabemos que tudo isto não passam de manobras para não pagar aos trabalhadores aquilo que é justo e que lhes possa permitir comprar comida, roupas e medicamentos para a sua família. Vemos assim que os patrões continuam a explorar o trabalhador pagando menos pa-

ra ganhar mais, como sempre foi o seu lema. Chegamos à conclusão que os trabalhadores angolanos ainda continuam a ser explorados na sua própria terra e isto quer dizer que os trabalhadores ainda têm que lutar contra a exploração capitalista; por isto se diz que a LUTA CONTINUA!

MAS COMO LUTAR?

Nós sabemos que no tempo do colonialismo os trabalhadores não podiam organizar-se em Comissões de Trabalhadores; isto obrigava o trabalhador explorado a ter que lutar sozinho e sabemos também que QUEM LUTA SÓZINHO MAIS FÁCILMENTE É VENCIDO, porque o trabalhador ouve do patrão o seguinte: - "se quiseres trabalhar, trabalha, se não quiseres há muitos lá fora como tu que não têm o que comer". Logo o trabalhador não vê outro remédio senão continuar a aceitar as migalhas que o patrão lhe der.

Trabalhador angolano: temos assim um exemplo de que a luta isolada de um trabalhador ou de uma minoria está condenada ao fracasso. É por isso necessário que estejamos uni-

dos, organizados, na luta contra a exploração capitalista. Para nos organizarmos na luta contra a exploração capitalista é necessário elegermos Comissões de Trabalhadores que representem os trabalhadores, nos diálogos com os patrões, mas também é necessário que ao eleger uma Comissão sejam escolhidos os trabalhadores que mostrem ser mais activos e corajosos porque não adianta termos uma Comissão de Trabalhadores composta por trabalhadores que recebem lutar com todas as suas forças para a completa satisfação das justas reivindicações dos seus colegas trabalhadores: isto seria o mesmo que os trabalhadores estarem sem ninguém que os represente. Há também aqueles trabalhadores que facilmente são comprados pelos patrões e ao invés de defenderem os interesses dos seus colegas trabalhadores defendem sim os interesses dos patrões. Por isso é necessário que saibamos escolher os trabalhadores que venham a compôr uma Comissão, para que realmente os trabalhadores tenham a certeza de que serão bem defendidos e representados pela Comissão eleita.



"A EMPRESA FUNCIONOU PRODUZINDO MAIS!"

- Dizem-nos os operários da TEXTANG em Luanda

4 DE FEV. - O que pensa sobre o abandono dos técnicos da empresa?

OPERÁRIO - Os técnicos pretendem abandonar a empresa devido ao facto de terem sido apreendidas as armas que possuíam, pelas Forças Integradas.

Alegam que não querem trabalhar porque não existe protecção, mais precisamente pelo facto de não terem armas. Por isso a fábrica não pôde contar com a presença dos técnicos durante dois dias, mas quando os trabalhadores verificaram que os técnicos não vinham decidiram o seguinte:

Como na fábrica também existem alguns operários africanos que fazem parte na afinação das máquinas, na electricidade, resolveram pôr a fábrica em funcionamento. Durante estes dois dias é de considerar que a empresa funcionou tendo produzido mais que habitualmente, apesar da ausência dos técnicos. Isto foi dito por um dos directores da empresa.

Os técnicos só reapareceram quando apareceu o Sr. Ministro do Trabalho. O Sr. Ministro do Trabalho reuniu com os trabalhadores, no refeitório, dizendo que a direcção da empresa tinha dado informações, como por exemplo de que os trabalhadores estavam a correr com os técnicos, que os trabalhadores eram indisciplinados.

Os trabalhadores ficaram indignados, pois achavam que o Sr. Ministro não podia entrar em reunião com a direcção da empresa sem que entrasse em contacto com os trabalhadores, com a Comissão de trabalhadores para verificar o que se passava na TEXTANG.

Por esse motivo os trabalhadores desistiram da reunião pois não concordaram com as palavras do Sr. Ministro. O Sr. Ministro chegou a afirmar que se os operários tivessem 5 faltas sem justificação seriam logo expulsos do serviço pois havia 14.000 desempregados e que para o lugar dos que estavam a faltar seriam colocados outros que estavam desempregados.

SÃO OS OPERÁRIOS QUE FAZEM TODA A PRODUÇÃO !

Diz-nos um operário da COFRIL em Benguela

Dos nossos camaradas de Benguela, recebemos um trabalho resultante dum colóquio havido entre eles e um grupo de operários. Hoje, transcrevemos a posição de outro camarada operário sobre as seguintes questões:

1- Qual é a importância da formação de comités ou organizações de fábrica?

2- O camarada acha que uma fábrica precisa de patrão para sobreviver?

OPERÁRIO:

1- Camarada, eu trabalho em Benguela, na COFRIL, secção de frios.

As organizações de fábrica, actualmente têm muita importância uma vez que nos podemos organizar, principalmente aqueles trabalhadores que vão tirar aquele poder da burguesia que os patrões têm. Por isso mesmo todos os trabalhadores devem unir-se para formarem uma só frente: a frente dos operários para tirarem toda a força todo o poder que os burgueses têm, que são todos os patrões. Todos os

patrões são burgueses, são os senhores ricos; os trabalhadores constituem a classe explorada do nosso Povo.

Sem isso é impossível evitar a exploração em Angola, e o nosso País precisa de acabar com a exploração. Os 500 anos de exploração já foram demais. Já estamos cansados da exploração.

2- Camarada, cá por mim acho que não é preciso uma vez que os patrões são os burgueses, não há dúvida. Eles ficam no escritório e os seus operários que fazem toda a produção. Ora, se nós vamos dizer que precisamos dos patrões para podermos sobreviver então nós estamos a favor dos patrões e assim nunca mais acaba a exploração! Assim a exploração continua. Por isso mesmo os operários é que produzem, os operários é que fazem toda a produção dentro da fábrica. Os patrões ficam sentadinhos no escritório mas querem ao fim do mês o dinheiro e prontos.

Camarada, o imperialismo está a tentar manobrar cá em Angola. Por isso temos também que ter muito cuidado, temos que combater contra o imperialismo e contra as suas manobras. Devemos saber que é o imperialismo que arruina a economia de Angola. Por isso o Povo tem que se organizar cada vez mais para o poder combater definitivamente, para que ele desapareça do nosso País, do nosso meio. Temos que combatê-lo camaradas! Por isso mesmo é preciso a nossa união; sem a nossa união não é possível o nosso combate, nem é possível a nossa vitória sobre o imperialismo. Temos de unir-nos definitivamente. Temos que nos convencer que todos os Povos do Mundo, isto é, as classes trabalhadoras têm que se unir para esmagarem definitivamente o imperialismo, porque sem essa união não é possível a nossa vitória sobre o imperialismo.

Por isso mesmo camaradas, os trabalhadores comemoraram o dia 19 de Maio, o dia do trabalhador.

ALHADORES NA GESTÃO DAS EMPRESAS

PORQUE EXISTE O PROBLEMA DOS TÉCNICOS

Camaradas,

Todos sabemos que os capitalistas proprietários das máquinas, das fábricas, de todos os meios de produção, são os que dirigem e controlam todo o processo de produção. A função dos trabalhadores tem sido a de venderem unicamente a sua força de trabalho em condições de miseráveis salários. Muitas vezes os capitalistas dirigem e controlam as fábricas através dos seus representantes, pessoas que eles escolhem por serem da sua máxima confiança. Os trabalhadores nunca dirigem; acusados de serem brutos e ignorantes a sua função tem sido apenas a de produzir riquezas para o patrão.

Camaradas,

É esta a razão que torna preocupante para o nosso Povo a saída dos técnicos e administradores que serviram as estruturas coloniais. Ao avanço da Revolução Popular, a burguesia colonial responde com sucessivas sabotagens à nossa economia. Deixam as escolas sem professores, os hospitais sem médicos, as fábricas sem engenheiros tentando com isso impedir a marcha vitoriosa da Revolução Popular. A experiência de outros Povos combatentes mostra-nos que foi assim que o imperialismo sempre agiu. O imperialismo nunca se interessou, em parte alguma do mundo, pelo melhoramento das condições de vida das massas trabalhadoras. Muitos dos técnicos que abandonam as escolas, os hospitais, as fábricas do nosso País, durante o colonialismo desempenharam mais o papel de cipaios do que propriamente de trabalhadores especializados. Não nos admira nada que eles abandonem o nosso País.

VENCER AS SABOTAGENS DA BURGUESIA COLONIAL COMBATENDO O IMPERIALISMO

O Povo Angolano sob a justa direção da classe operária saberá vencer todas as dificuldades, criar novos quadros que, nas fábricas, nas escolas, nos hospitais serão também as forças motrizes para o avanço da Revolução Popular e democrática. O avanço do movimento operário em matéria de teoria tem conquistado muitos amigos que hoje se encontram firmemente dispostos a alinhar com os operários e camponeses na justa luta contra a exploração imperialista.

A formação de futuros quadros dirigentes das empresas populares capazes de nunca desertarem da luta pela melhoria de nível de vida de todo o Povo, têm de obedecer ao princípio de confiarmos primeiro nas nossas próprias forças, na capacidade e coragem das largas massas trabalhadoras. Os comitês de fábrica, concelhos de empresa, órgãos sindicais, podem servir de escaleta de gestão da indústria.

Devido à sabotagem da burguesia, os trabalhadores sentem cada vez mais no nosso País a necessidade de eles próprios participarem na direção e no controle da produção.

A participação dos trabalhadores na direção das empresas cada vez mais se exige para impedir as manobras criminosas da burguesia colonial que num último esforço de desespero ameaça fechar fábricas, lançar os trabalhadores no desemprego, enviar as máquinas para as antigas metrópoles, arruinar e lançar para a desgraça a nossa economia. É preciso que as fábricas não parem, e que a produção continue. É preciso limitar o poder da burguesia e reforçar o poder das massas trabalhadoras. Só assim o Povo triunfará e o imperialismo será derrotado.

O CONTROLE OPERÁRIO PARA LIMITAR O PODER DOS CAPITALISTAS!

A rica experiência dos Países de Democracia Popular em matéria de controle operário, dela nos poderemos servir para em Angola limitar o poder dos capitalistas e preparar a nacionalização socialista da indústria. Este controle operário foi nos Países de Democracia Popular fruto do espírito criador das massas trabalhadoras. A classe operária em todos estes Países recorreu a esta medida para salvar as fábricas da destruição e pilhagem e restaurar a produção agrícola e industrial. O controle operário constitui uma grande conquista revolucionária dos trabalhadores. Limitou o poder econômico da burguesia e a exploração do trabalho pelo Capital.



Ora, esta forma de participação dos trabalhadores poderão desempenhar um papel importante no nosso País na proteção da indústria, no arranque da produção, na luta contra a sabotagem da burguesia, na preparação da socialização dos meios de produção.

O CONTROLE OPERÁRIO OBRA REVOLUCIONÁRIA DOS TRABALHADORES DE TODO O MUNDO!

A obra revolucionária dos trabalhadores polacos liga-se às tarefas de comitês de empresa na restauração de empresas danificadas, durante a guerra. Inúmeras fábricas, minas e centrais elétricas só escaparam à destruição e à pilhagem dos ocupantes graças à coragem e à vigilância dos operários.

Na Checoslováquia onde durante a ocupação nazi a maior parte das empresas foram ocupadas pelos monopólios alemães, cabe também registar o esforço dos operários durante a resistência e depois no restabelecimento do controle operário. Com efeito, quando as tropas hitlerianas se puseram em fuga, os operários tomaram conta da direção das empresas abandonadas, afastaram os proprietários e administradores de numerosas empresas e iniciaram eles próprios a reorganização da produção.

Na Bulgária, os capitalistas chegaram a fechar as empresas, despediram os operários, tentaram evacuar as máquinas para o estrangeiro mas, a fim de poder pôr fim à sabotagem dos capitalistas, de reerguer a indústria e a bastecer a população de objectos de primeira necessidade, o Comité Nacional da Frente Patriótica convidou os grupos sindicais a reforçar o controle da produção.

Na China a Comuna Popular, unidade de base da produção, unidade de base do poder de estado socialista, unidade de base da formação ideológica e moral da nação, permitiu imprimir um ritmo acelerado às forças produtivas, pela industrialização do País, a mecanização da agricultura e a electrificação dos campos, permitiu formar intelectualmente, moral e politicamente o homem novo obreiro da Revolução.

Assim os trabalhadores avançam em todo o mundo e o capitalismo de crime em crime marcha para o seu fim inevitável.

VENCER O CAPITALISMO
E CONSTRUIR A SOCIEDADE
DE TIPO NOVO!

VIVA A PARTICIPAÇÃO
DOS TRABALHADORES
NA GESTÃO DAS EMPRESAS!



VIVA O GRANDE LENINE

GUIA E EDUCADOR DO OPERARIADO MUNDIAL

O que fazia convergir sobre Lenine as simpatias de todas as pessoas era o seu sangue-frio extraordinário, o seu apego apaixonado aos princípios, a sua habilidade de em defender com tenacidade o essencial, o principal, aquilo em que consiste o ensinamento comunista. "Pode-se ceder no que respeita aos acessórios ou nas coisas secundárias, sendo necessário saber ladear, retirar, mas sem jamais abandonar o principal". Eis como punha a questão no momento da conquista do poder:

Que o telégrafo, o telefone, as gares do caminho de ferro, as pontes sejam ocupados sem falta, em primeiro lugar, não importa a que preço; antes morreremos todos do que deixar passar o inimigo.

Nesses instantes Lenine não conhecia o desânimo. Muitas vezes foram postos à prova o seu sangue-frio e a sua fidelidade aos princípios, sobretudo quando o partido hesitava, quando algumas das suas secções se mostravam indecisas e que certos chefes se encontravam irresolutos, não tendo nessas casos dúvida em romper com quem quer camaradas, desde que se capacitasse de que eram nocivos à causa do proletariado, motivo porque muitas vezes era olhado como um sectário, como um homem duma intolerância e dum fanatismo extremos. Lenine, porém, sabendo que o caminho que percorria era o mais legítimo, não via o menor inconveniente em conservar-se isolado durante algum tempo. E pouco depois conseguia convencer vários milhões de homens a seguir a classe operária.

A sua simplicidade aliada, como já dissemos, à maior solicitude pelas necessidades dos camaradas, a uma capacidade de trabalho considerável, a um esforço efectivo colossal, a uma fidelidade inultrapassável aos princípios e, por outro lado, à firme decisão de manter uma disciplina rigorosa no Partido, todas essas qualidades fizeram de Lenine o homem que sabia vencer. É aí que é mister procurar o segredo da sua poderosa influência sobre todos nós. Sabíamos que se Lenine pretendia qualquer coisa não deixaria de empregar esforços obstinados para a alcançar e que a alcançaria por fim. Com esse intuito recorria a todos os argumentos, a todas as provas, a todos os recursos da sua lógica, à força dos factos e às nossas debilidades, justificando assim os seus pontos de vista e forçando-nos a reconhecer que tinha razão.

Lenine jamais perdia a cabeça, e em mais de uma circunstância difícil deu efectivamente provas da sua serenidade de espírito. A ele, melhor do que ninguém se podem aplicar as palavras de Augusto Blanqui: "Que a vossa cabeça seja fria como o gelo e que o vosso coração seja ardente como a chama." Uma cabeça fria, sempre inaccessível ao pânico e um coração fervente, eis o que era Lenine. Qualquer que fo

sse amplidão do perigo, mantinha-se circunspecto, calmo, nada deixando transparecer da sua emoção; à medida que os nossos ombros mais se curvavam sob o peso das dificuldades e quanto maiores eram os perigos que surgiam em torno de nós, mais sereno parecia conservar-se Lenine, invariavelmente tranquilo, de um humor inaltable, de uma confiança inabalável.

Mas ao mesmo tempo havia em Lenine uma audácia "natural", a audácia do pensamento e a audácia da vontade; quando muitos outros se deixavam consumir por razões intermináveis e revelavam hesitações sucessivas, Lenine calculava todas as circunstâncias e punha rapidamente a questão. Por vezes fazia alusão ao grande cabo de guerra que foi Napoleão, o qual tinha como regra: "Abramos em primeiro lugar o fogo e em seguida veremos", o que, noutros termos, significa: é preciso saber começar. Era isso que faltava a muitos: saber começar, ter a audácia de iniciar a batalha. É óbvio que seria um crime dar começo a uma batalha sempre que não houvesse possibilidade de vitória. Lenine, porém, sabia prever melhor do que ninguém quais as possibilidades relativamente modestas de triunfo que podem desenvolver-se e transformar-se em vitória decisiva. O que o tornava idóneo era a análise do momento, essa particularidade de penetrar-se do sentimento das massas, de compreender o estado de espírito destas ou, mais exactamente, como o próprio Lenine disse várias vezes, de contar com milhões, isto é, de ter em conta o estado de ânimo de milhões de operários e camponeses.

Considerava-se Lenine como um chefe? Sim, e era esse o seu grande orgulho, pois sentia-se realmente o chefe da revolução proletária, tendo a consciência de haver adquirido o direito de ser assim considerado. Quando certos camaradas se indignam por virtude das críticas exercidas a seu respeito, devem recordar-se que Lenine não temia a crítica e que, apesar da situação de chefe que ocupava, não repudiava de nenhum modo as indicações que lhe eram dadas a propósito das suas faltas. Pelo contrário, possuía em grau mais elevado que qualquer de nós o sentimento da responsabilidade de chefe perante a massa proletária, sendo esse sentimento que lhe dava a força de confessar os seus erros. Lenine ensinou-nos que o que há de mais fatal à revolução, à revolução proletária, é o não sabermos reconhecer as nossas faltas. "O Partido - dizia ele - que não sabe reconhecer as suas faltas morrerá. Nós, porém, não morreremos, visto que vemos as nossas faltas, que as reconhecemos e que podemos portanto repará-las".

Em Lenine, num grau mais elevado que em qualquer outro chefe da revolução proletária, estava desenvolvido o sentimento do contacto com as massas, a fé nas massas - a compreensão das massas, a intimidade com

as massas.

Tal se manterá Lenine na nossa memória. Lenine, inimigo dos mencheviques e de outros deformadores ou corruptores do movimento operário e também da fraseologia revolucionária, homem de acção, guarda inabalável do pensamento marxista revolucionário, adversário de toda a ideia de liquidação, unificador dos batalhões dispersos, facho na noite sombria da reacção, guia do pensamento operário no novo período de ascensão revolucionária; Lenine, ligando as forças comunistas, fazendo penetrar a verdade nas trincheiras da frente de batalha, nas fábricas e nas aldeias, promovendo o levantamento de alguns milhões de operários e camponeses, pelo pão, pela paz, pela liberdade.



Lenine, enfim, ensinando-nos a pensar como marxistas, a lutar como revolucionários, como leninistas - esse Lenine, sob todas as suas formas, vive em nós e dá-nos a força de prosseguir a obra do comunismo e de levá-la a bom termo.

FIM do extracto do livro:
"LENINE - A vida dum revolucionário"
- de E. Yaroslavski. -